

## Apresentação

*Tania Macêdo, Editora  
Primavera de 2021*

Este número *da Revista África* encerra um ciclo da publicação editada pelo Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo desde 1978.

Naquele ano, em seu primeiro número, a Revista contou com a colaboração de Fernando Mourão que realizou um balanço importante sobre os estudos referentes à diáspora negra no Brasil, indicando que esse campo de estudos estaria presente nas preocupações do Centro de Estudos Africanos. No mesmo número, contou-se também com um texto do Professor Doutor Celso Loge sobre Castro Soromenho e um artigo intitulado “Magic, sorcery and witchcraft among Afrovenezuelan peasants” escrito por Angellina Pollak-Altz, importante antropóloga venezuelana de origem austríaca. Além de um texto da antropóloga Liana Salvia Trindade, da Universidade de São Paulo, outros destacados africanistas, como Luís Beltran y Repetto, à altura Professor Emérito de Sociologia da Universidade de Alcalá de Henares, Diretor da Cátedra UNESCO de Estudos Afroiberoamericanos e Presidente da Associação Espanhola de Africanistas, e o Professor Antoine Yangni Angaté, da Universidade da Costa do Marfim e cirurgião-Chefe honorário do Hospital Treichiville (Abdjan), além de Officier de la Légion d’Honneur de France.

Em uma seção a encerrar aquele número, é feita referência a livros publicados e eventos a serem realizados no continente africano. Mas, antes, há a informação sobre a tese de Kazadi wa Mukuna, da Universidade Nacional do ex-Zaire, atual República Democrática do Congo (1974), que foi o primeiro africano a defender sua tese na USP sob a orientação do professor Fer-

nando Mourão em 1977 e que precedeu de pouco tempo a tese intitulada *Os Basanga de Shaba (Zaire): Aspectos Socioeconômicos e Político-Religiosos*, do também zairense Kabengele Munanga, outro orientando do Prof. Fernando Augusto Mourão.

Se nos detivemos em uma descrição algo pormenorizada do primeiro número da *Revista África*, tivemos em vista demonstrar a relevância de seus colaboradores e a abrangência geográfica dos mesmos, além do amplo espectro de temas abordados: da literatura à medicina tradicional, passando pela antropologia e a diáspora africana nas Américas.

Esta diversidade marcou o percurso da publicação ao longo dos últimos quarenta e três anos: desde os assuntos tratados, até a ampla e importante gama de colaboradores, os quais muito nos orgulharam por fazerem parte da história do Centro de Estudos Africanos com seus textos e reflexões.

No amplo arco temporal de quase meio século, mudanças importantes se impuseram às publicações universitárias. A mais sensível delas sem dúvida foi a passagem da versão em papel à informatizada, que possibilitou uma sensível ampliação do público leitor, mas ao mesmo tempo demandou regras mais rígidas de editoração e conhecimentos específicos de um universo para além da escrita. A transformação, todavia, foi muito benéfica, pois os textos puderam “ganhar o mundo”. Aos poucos as adaptações necessárias, ainda que menos rapidamente do que seria de se esperar, foram sendo realizadas. No caso do Centro de Estudos Africanos, a nova Diretoria, eleita nos fins de 2018, decidiu por implementar modificações necessárias na estrutura do Centro e de sua revista.

Um fato externo a essa dinâmica, todavia, viria modificar o panorama, na medida em que os anos de 2019 e 2020 graças à pandemia que nos forçou ao isolamento domiciliar, foram um tempo de preponderância dos meios eletrônicos e assim aceleraram-se as mudanças.

É nesse quadro que este último número da primeira série da *Revista África* se inscreve, já que a publicação sempre deu preponderância a textos escritos, e em um mundo em que também a imagem tem destaque, requerem-se novas abordagens. Não se trata, como se pode imaginar, de modificar a linha editorial da Revista: ela continuará a ser o canal de reflexão e veiculação de estudos sobre África e suas diásporas. O que pretende é uma ampliação, uma linguagem, que dê conta do tempo em que vivemos.

A abrir o volume, uma pequena nota sobre Abdulrazak Gurnah, escritor tanzaniano, por sua premiação com o Nobel de Literatura.

Como a ligar o passado, o presente e a lançar pontes para o futuro, este número inicia-se com um texto do Prof. Dr. Kabenguele Munanga, Professor Titular Sênior do Centro de Estudos Africanos, que nos traz o seu discurso na ocasião de outorga de título de professor honoris causa da Universidade do Rio de Janeiro, no Brasil. A seguir, “*The evolution of harmony in the music of the democratic republic of Congo (drc)*” escrito por Kazadi wa Mukuma, cuja notícia da defesa de seu doutorado estava nas últimas páginas da Revista África de 1978. Quase cinquenta anos depois, o então estudante tornou-se Professor de Etnomusicologia na Kent State University em Ohio, Estados Unidos e aceitou a nosso convite para publicar um texto.

Para continuar na área musical, temos o texto de Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior, estudioso de música popular, professor universitário, mas também o conhecido rapper Mossoró, que traça uma ponte que une os anos 1940, com a presença do histórico conjunto musical Ngola Ritmos aos 1990, com os cantores e compositores, rappers e ativistas cívicos que enfrentaram forte repressão em função de seu papel de oposição – a partir da música - ao governo de José Eduardo dos Santos. Trata-se de um texto que traça um panorama da música angolana sob o signo da negação do status quo, possibilitando ao leitor referências bastante precisas e preciosas sobre a música de contestação realizada em Angola.

Este número tem, excepcionalmente, dois textos do mesmo autor: são dois artigos de autoria de Professor Olabiyi Babalola Joseph YAI, linguista, especialista das literaturas e línguas africanas e da diáspora, especialmente da poesia oral e infelizmente falecido em 2020, aos oitenta anos. Trata-se de uma homenagem do Centro de Estudos Africanos a esse mais-velho que, apesar de seus numerosos afazeres — já que, entre suas atividades como professor de Universidades da Nigéria e do Benin, ainda exerceu o cargo de presidente do Conselho Executivo da Unesco, participou de juris de prêmios internacionais e do Comitê Científico para elaboração da História Geral de África da UNESCO —, sempre aquiesceu com sua generosidade e grande sapiência em colaborar com o Centro de Estudos Africanos. Os textos aqui publicados, inéditos, referem-se à participação do Professor Olabiyi em eventos promovidos pelo CEA e permitem verificar a acuidade de seu pensamento no que concerne à oralidade

e as produções culturais do continente africano, examinadas sob um ponto de vista político em que desponta o seu afro-otimismo quanto ao futuro da África.

Esse número da *Revista África* também presta uma homenagem ao Prof. Dr. Fábio Rubens da Rocha Leite, pesquisador e docente no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e colaborador do CEA nos seus cursos de formação, falecido em 2018. Como leitor na Universidade de Abdijan, na Costa do Marfim, viajou pelo interior desse país, detendo-se no estudo da estrutura de muitas de suas comunidades, assim como dedicou-se ao exame das instituições ancestrais em sociedades Iorubá, Agni e Senufo, tendo pesquisado em profundidade e in loco comunidades no Togo, Benin, Ghana e Nigéria. Seu livro *A questão ancestral: a África Negra*, é um clássico e referência incontornável na área e é dele que republicamos o capítulo 17 intitulado “A dimensão ancestral da comunidade”. Como se pode verificar, trata-se de um estudo que parte da questão da aldeia e a sua fundação entre os Senufo, para depois enveredar pela discussão da estrutura de parentesco e matrilinearidade. As referências abundantes e discussão sobre a bibliografia a respeito dos assuntos abordados demonstram o rigor e a dedicação à pesquisa que caracterizaram o trabalho intelectual do Professor Fábio Leite.

Temos ainda a honra de contar com a colaboração do Prof. Dr. Jacques Depelchin que aquiesceu em publicar em nossa revista o texto apresentado ao evento realizado pelo CEA organizado pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga intitulado “África de que não se fala”. No artigo do Professor da Rhodes University dos Estados Unidos da América e professor visitante da Universidade Estadual de Feira de Santana, no Brasil, elabora-se uma importante leitura sobre a História da África escrita pelos africanos, com especial relevo para a figura seminal de Cheikh Anta Diop.

E como na História e nas estórias africanas a mulher tem destaque especial, o texto da jovem pesquisadora Marina Bueno foi selecionado para esse número, pois lança luzes sobre a escrita feminina do continente africano ao realizar uma interessante leitura entre dois textos paradigmáticos da literatura feita por mulheres em África: o clássico e infelizmente ainda não traduzido no Brasil *Une si longue lettre*, da escritora senegalesa Mariama Bâ, e o romance *Niķetche, uma história de poligamia*, da moçambicana Paulina Chiziane.

Em seguida, o texto “*Les approches théoriques sur les défis du développement des pays africains et les leçons qu’on peut en tirer*”, de autoria Georges Nzongola, que foi Presidente de Associação de Estudos Africanos dos Estados Unidos (ASA) e da Associação de Ciência Política (AAPS) no mesmo país, onde leciona na Universidade da Carolina do Norte. Seu instigante texto, apresentado em Congresso realizado pelo Centro de Estudos Africanos, discute com rigor científico as perspectivas conflitantes que se colocam como propostas para o desenvolvimento da África.

Na mesma senda de discussão das questões da África contemporânea, temos a importante colaboração do Prof. Mohamed Badhon que no texto “*La Vie Politique Djiboutienne De 1992 A 2021: Quelques Reflexions Sur Le Changement Et Les Reformes Politiques*” realiza uma lúcida análise sobre os últimos dez anos da vida política djibutiana, com informações pertinentes e dados a que dificilmente temos acesso.

A fechar este número especial da *Revista África*, temos o texto do Professor e pesquisador Carlos Almeida, da Universidade de Lisboa, que discute de maneira aprofundada o processo de cristianização do Reino do Congo. Por se tratar do original de um texto divulgado em inglês na Enciclopédia da Universidade de Oxford, com acesso restrito, optamos por publicar o texto integral, ainda que exceda as páginas habituais dos artigos, pois temos certeza de que será de grande interesse para os leitores não apenas em razão do assunto, mas do rigor e bibliografia apresentada por Carlos Almeida, profundo conhecedor da matéria.

Que os leitores desfrutem esse número que descortina um futuro da *Revista África*.